



Comunicação Comunitária, Internet e Novas Tecnologias: Um Caminho Possível¹

Luiz Fernando RAMALHO²
Universidade Metodista de São Paulo, SP

RESUMO

A comunicação comunitária, assim como qualquer outra, sempre precisou de meios para fluir. Há algumas décadas, encontravam-se meios como o rádio, os alto-falantes, os impressos como os jornais de bairro e os panfletos, entre outros. Nas últimas duas décadas, contudo, houve uma grande evolução técnica dos meios de comunicação, que agora são digitais e interconectados pela internet. Há também a apropriação tecnológica e o uso doméstico da Web. Esse novo cenário traz novas possibilidades para a comunicação comunitária, apesar de ainda ser necessário mais infraestrutura e treinamento dos agentes que a promoverão.

PALAVRAS-CHAVE: comunicação comunitária; tecnologias digitais; internet; Web;

INTRODUÇÃO

Sempre houve, entre os homens, a necessidade de se comunicar. Fator essencial para a construção das estruturas sociais, a comunicação determina como nos organizamos e, sobretudo, como nos relacionamos com o mundo ao nosso redor. É um processo complexo que abrange diversos meios e modos, sistemas e linguagens, variações dimensionais, temporais e culturais, mas que acontece naturalmente e inevitavelmente. A troca de informações e saberes entre os interlocutores altera o modo de pensar e, conseqüentemente, a realidade. Assim, pode-se dizer que comunicar é transformar, geralmente para melhor, o mundo em que se vive.

Devido a amplitude que o termo carrega, é difícil definir a função exata da comunicação, pois ela varia de acordo com as condições do meio, mas ela certamente está ligada a valores como a liberdade, a democracia e a emancipação do indivíduo. Um papel social diplomático e construtivo, que traz resultados positivos para aqueles que utilizam seu potencial com ética e seriedade.

No decorrer dos séculos, o ato de comunicar teve diferentes sentidos e buscou diferentes objetivos. O surgimento da imprensa e dos grandes conglomerados

¹ Trabalho submetido à V Conferência Sul-Americana e X Conferência Brasileira de Mídia Cidadã.

² Mestrando em Comunicação Social da Universidade Metodista de São Paulo – UMESP. Bolsista do Centro Nacional do Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq). E-mail: luizframalho@gmail.com.



comunicacionais que penetraram na vida cotidiana através do rádio, da televisão e dos impressos, presentes até hoje, causou progressivamente profundas mudanças sociais ao redor do globo, e ainda serve como um pilar para o avançado processo de globalização, com efeitos tão complexos quanto aqueles mais recentes, possibilitados pela internet. A grande mídia teve e tem importante papel na construção dos referenciais simbólicos vigentes, na transmissão do capital cultural e social, na perpetuação de valores morais e conceitos anteriormente estabelecidos, que não são eternos, mas que custam se alterar. Assim, aqueles que detiveram (ou ainda detém) poder sobre esses grandes meios, sabendo do potencial manipulativo e controlador da comunicação, ditaram o que as massas deveriam ou não saber.

Mais recentemente, as novas mídias, com os novos dispositivos e ferramentas técnicas de acesso à internet que aparentemente facilitarão a comunicação ao aumentarem a visibilidade e as vias de troca entre as pessoas, podem ter tornado o cenário mais confuso e deturpado:

Complexa por natureza, a comunicação complicou-se ainda mais nestes últimos trinta anos, devido ao progresso técnico. Hoje em dia todo mundo vê tudo ou quase tudo, mas percebe, ao mesmo tempo, que não compreende melhor o que acontece. A visibilidade do mundo não basta para torná-lo mais compreensível. Mesmo onipresente, a informação não pode explicar um mundo percebido como mais complexo, mais perigoso, menos controlável e em que as diferenças culturais e religiosas se exacerbam. (WOLTON, 2006, p.19).

Conteúdos que antes iam ao ar de acordo com os interesses das grandes empresas de comunicação, geralmente pautadas em valores econômicos como lucro ou prejuízo (já que um veículo de comunicação dificilmente falaria algo que desagradasse um anunciante, por exemplo), passaram a ser transmitidos pela internet de forma muito mais livre, fruto de um movimento descentralizador e horizontal possibilitado pela rede distribuída, no qual cada pessoa pode escolher a hora e os conteúdos que quer assistir, consumir, compartilhar ou mesmo produzir e colocar na rede.

Vem à tona então – e cada vez mais - uma enorme quantidade de dados e informações de todas as partes do mundo, que apesar de não serem forçosamente vistas pelos internautas, ficam disponíveis ao acesso dos que têm interesse. Há uma distribuição do poder de comunicar, antes centralizado, que atribui voz aos cidadãos internautas. Começam a ganhar notoriedade pública casos particulares, como o de consumidores descontentes que reclamam de algum produto, ou de cidadãos que denunciam falhas no poder público local, fenômenos



que pouco provavelmente aconteceriam se ainda dependêssemos primordialmente dos grandes meios de comunicação.

Claro que as apropriações das tecnologias digitais conectadas são muito diversificadas ao redor do mundo e fogem de qualquer tipo de controle. Iniciativas como o Wikileaks³, que por vezes abalou relações diplomáticas entre grandes nações com o vazamento de documentos confidenciais, ou os grupos religiosos radicais no oriente médio que divulgam na internet vídeos de execuções para pressionar ações da comunidade internacional, são exemplos dessas apropriações e do poder contido nesses novos meios.

Isso porque há diferenças seminais entre os meios de massa e a internet, como a escolha deliberada pelo conteúdo. A abrangência, o alcance e a penetração das mensagens também são bons exemplos. Usemos um grande canal televisivo para ilustrar. Por ter parte de suas transmissões atingindo nível nacional, a pauta e a programação precisam ser generalistas, abordando temas interessantes e coerentes a todos que os assistem. No caso do Brasil, um país de imenso território e diversidade cultural, vemos que os telejornais acabam tratando majoritariamente de fatos acontecidos nos grandes centros urbanos, assim como os demais programas da grade o fazem, dificilmente abordando assuntos locais ou mesmo regionais. Isso não significa que tais veículos não sejam importantes:

Os grandes veículos, por um lado, fazem-se necessários e importantes no campo do divertimento e da informação, por exemplo, mas não conseguem suprir todas as necessidades em nível de comunidade e de movimentos sociais organizados. (PERUZZO, 2004, p.130).

Contudo, em se tratando de internet, sobretudo na fase da Web, é possível que cada pessoa com acesso torne-se um narrador e comunicador do seu meio, atingindo com suas mensagens, de forma assertiva e eficaz, aqueles o cercam, organizando e informando sua comunidade, promovendo o debate e a reflexão sobre pautas locais que podem contribuir para o desenvolvimento social daquele ambiente. As possibilidades que surgem para a comunicação comunitária neste novo cenário (o das duas últimas décadas) são promissoras. Se em outrora praticar a comunicação comunitária significava utilizar meios impressos ou mesmo radiotransmissores, que exigem conhecimento técnico e têm custo relativamente alto para funcionarem, agora, com a expansão do acesso à internet, podemos repensar as formas de

³ WikiLeaks é uma organização transnacional sem fins lucrativos, sediada na Suécia, que publica, em sua página (*site*), postagens (*posts*) de fontes anônimas, documentos, fotos e informações confidenciais, vazadas de governos ou empresas, sobre assuntos sensíveis. Disponível em <<http://pt.wikipedia.org/wiki/WikiLeaks>>. Acesso em 12 de janeiro de 2015.



atuar nesse meio, as formas de capacitar aqueles que o farão, de acordo com as condições, os objetivos e as necessidades de cada comunidade. É importante ressaltar que as novas tecnologias não desqualificam as anteriores neste caso, mas somam forças e melhoram os processos, se utilizadas corretamente.

PRATICANDO A COMUNICAÇÃO COMUNITÁRIA

Quando falamos em promover a comunicação a nível comunitário, necessitamos de meios que suportem e transmitam as mensagens de modo mais controlado e localizado. É evidente que ela também acontece através das relações interpessoais, dos contatos cotidianos entre as pessoas, livre dos aparatos tecnológicos. No entanto, quando uma mensagem precisa ser transmitida a um público maior, pois pode causar impacto na rotina daquela comunidade, é interessante que haja um meio que a potencialize. Com isso, os participantes de determinado movimento buscam alternativas para se comunicar de acordo com suas necessidades. Os meios tradicionais, como o rádio, televisão e os impressos, raramente atenderão essa demanda, salvo quando são emissoras ou transmissoras locais, nascidas e voltadas para a comunidade. Ferramentas como o megafone, o carro de som e os panfletos são alternativas comuns em diversos casos de movimentos populares e manifestações, ou mesmo no dia a dia das comunidades.

Por serem os veículos de comunicação tradicionais inalcançáveis por aqueles que estão fora de sua agenda ou de sua pauta nacional, pessoas situadas na periferia deste sistema se veem obrigadas a criar seus próprios métodos e meios de transmitir as mensagens. A diferença, nesses casos, não é apenas o meio, mas também o teor das mensagens, que surgem de necessidades práticas reais daquele ambiente, ou seja, são orgânicas do local. Os dizeres do final século passado sobre a comunicação popular nos movimentos sem dúvida se faz muito atual, apesar de se referir a movimentos daquele tempo:

Os movimentos sociais populares brasileiros estão construindo algo de “novo”, expressando interesses coletivos que trazem em seu interior um esforço pela autonomia e por um “quefazer” democrático, num novo espaço de ação política, e contribuindo, assim, para a elaboração de outros valores. Nesse processo, eles forjam sua própria comunicação, ou seja, a comunicação popular, desenvolvida no contexto onde atuam, enquanto necessidade de expressão em nível local e com conteúdos específicos que os grandes meios massivos não conseguem satisfazer. (PERUZZO, 2004, p.148).



Assim se desenvolve a comunicação popular (ou comunitária): alinhada com os contextos locais e por meios alternativos. Suas formas de linguagem são geralmente típicas do local, o que naturalmente facilita o entendimento dos interlocutores. No entanto, por serem os movimentos populares e comunidades frequentemente frutos da organização de classes subalternas, de alguma forma desamparadas pelo poder público e menos favorecidas monetariamente, existem diversas limitações na utilização de alguns meios.

No caso das rádios comunitárias, por exemplo, uma limitação comum que trava o processo é a proibição legal para radiotransmissores, que tiram do ar rádios que não tem autorização pública para emitir suas ondas. Atualmente, transmitir este tipo de mensagem sem a concessão do governo, “soltando” ondas de rádio indiscriminadamente, caracteriza uma emissão ilegal ou popularmente conhecida como “emissão pirata”. Daí o termo popularizado e insistentemente repetido pelas rádios comerciais: “rádio pirata”.

Essa é uma questão que gera muita polêmica no Brasil, pois aqueles que não conseguem a autorização do governo, buscam o debate acerca da comunicação como direito de expressão, argumentando que não deveriam ser impedidos de realizar a radiodifusão. Ainda, boa parte daqueles que conseguem essa autorização para rádio comunitária reclamam que a lei 9.612, de 19 de Fevereiro de 2004⁴, favorece muito as rádios privadas e comerciais, restringindo e limitando as rádios comunitárias, que ficam com os alcances de onda reduzidos e não podem transmitir propagandas, que é uma forma de renda para sua manutenção.

No documentário “Democratização FM”⁵ tais questões são trazidas à tona e diversos casos são abordadas sob esta óptica. Histórias de rádio-difusores comunitários sem concessão, que oportunizavam a cultura, a integração e a mobilização da comunidade através do lazer, do entretenimento e do convívio social, mas que foram detidos pela justiça por estarem em desacordo com a lei e com normas meramente técnicas.

Outra limitação comumente encontrada são os elevados custos, principalmente dos equipamentos que fazem transmissões de ondas (caso das rádios) ou que imprimem papeis em grande quantidade (jornais comunitários). Não basta apenas ter vontade de montar uma rádio ou jornal comunitário, é preciso angariar fundos e conseguir os materiais, bem como a mão de

⁴ Lei que Institui o Serviço de Radiodifusão Comunitária e dá outras providências, disponível em <http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/19612.htm>. Acesso 19 jan 2015.

⁵ O documentário “Democratização FM” traça um panorama da atuação das Rádios Comunitárias no Brasil. O vídeo trata basicamente sobre: papel social das rádios; lei 9.612; obtenção da autorização de funcionamento; repressão do Estado; interferências nos aeroportos e análise de reportagens do “Jornal Nacional” sobre o assunto; irregularidades nas rádios comerciais; possíveis mudanças na lei; utilização política e religiosa; rádio digital, dentre outros. Disponível em <<https://www.youtube.com/playlist?list=PLFF44D59B6AE3B3E6>> Acesso em 06 de janeiro de 2015.



obra e o conhecimento técnico. Os gastos aparecem logo no primeiro momento e se não houver parceiros ou uma ajuda comum para o financiamento, a idealização de um meio de comunicação popular já pode padecer logo no início.

Além das dificuldades financeiras e técnicas, deparamo-nos com outro problema comum: dificuldade na elaboração e definição dos conteúdos a serem veiculados. Sobre isso, Peruzzo discorre:

As limitações em relação ao conteúdo da comunicação popular escrita e de áudio são gritantes, tanto na linguagem quanto na variedade da programação ou dos materiais divulgados. No que diz respeito à primeira, ela é quase sempre dura e pesada. Talvez devido ao afã de “conscientizar” a qualquer custo e rapidamente, transmitem-se discursos abstratos, prepotentes, ou doutrinários. Além disso, os textos e as falas costumam ser demasiadamente longos. Quanto a diversificação, boletins e jornaizinhos insistem no mesmo tipo de assunto e na mesma diagramação, não passando de palavras e mais palavras umas ao lado das outras. Nos programas de alto-falantes não se muda o formato e se inova pouco. (PERUZZO, 2004, p. 151).

Sem o treinamento e a formação adequada, dificilmente um indivíduo conseguirá planejar e criar um conteúdo de boa qualidade, com mensagens claras e coerentes ao público. Isso pode ser perigoso, já que uma informação mal transmitida pode criar sérios problemas, tanto para quem a recebe, quanto para quem a emite. Assim, é interessante que haja auxílio profissional para capacitar os agentes comunicadores de uma comunidade, a fim de diminuir as dificuldades no processo. Uma característica também muito comum é a pouca variedade de meios. As comunidades geralmente escolhem um único. Peruzzo coloca que:

As organizações e movimentos populares valem-se de poucos tipos de veículos de comunicação. Se utilizam o jornal, dificilmente exploram o rádio, por exemplo, ou, se lançam mão desse, não desenvolvem o vídeo. Servem-se do rádio, mas não aproveitam a canção popular criada no próprio contexto onde ele está inserido. Esses meios poderiam ser complementares uns aos outros, o que o tornaria mais dinâmico, participativo e certamente aumentaria sua potencialidade comunicativa e, conseqüentemente, seu sucesso, devido ao enraizamento na cultura. (PERUZZO, 2004, p.150).

Apesar das diversas limitações, obviamente existem também aspectos positivos a serem pontuados. A autonomia institucional, por exemplo, que deixa o veículo livre de relações e dos interesses de outras instituições, o que ajuda muito a formação do conteúdo crítico, que questiona, provoca, pensa, cobra e reflete sobre aquilo que lhes é pertinente. A



conquista de espaços e a formação da identidade local, através do resgate e da valorização da cultura também são pontos muito favoráveis aos meios de comunicação comunitários.

O que emerge agora, no entanto, é um novo cenário para a comunicação comunitária, baseada nos meios de comunicação e nas ferramentas digitais conectadas, que encontram na internet um ambiente propício para a difusão e propagação de mensagens, com várias vantagens e novas possibilidades em relação aos meios mais antigos.

AS NOVAS FERRAMENTAS DIGITAIS CONECTADAS

As tecnologias são criadas e se desenvolvem para facilitar a vida humana, para resolver algum problema, geralmente específico e bem definido, mas o homem acaba sempre encontrando novas formas de uso para as mesmas ferramentas, de acordo com seu repertório cultural, sua realidade e sua criatividade. É o fenômeno conhecido por apropriação tecnológica. Um exemplo clássico e básico que ajuda a entender esse conceito é a caneta esferográfica. Criada originalmente para aplicar uma quantidade certa de tinta sobre o papel, possibilitando a escrita e o desenho com maior precisão, já foi muito usada também para rebobinar fitas cassete, ou para prender o cabelo. Usos que são frutos da engenhosidade humana e que provavelmente não foram planejados pelos desenvolvedores do produto.

Assim também acontece com a internet e com os dispositivos que fazem a mediação da informação e da comunicação, de uma forma exponencialmente mais complexa, obviamente. Os usuários da Web, organizados em uma rede totalmente interligada e distribuída, passam a atuar de formas inesperadas, que podem contagiar outros usuários e se tornar um hábito, uma moda, uma tendência na sociedade. O advento da internet e dos dispositivos de acesso, que têm se tornado cada vez mais populares e disseminados entre as pessoas, está propiciando inúmeras formas de apropriação de suas funções e, conseqüentemente, mudanças nas estruturas sociais.

Por isso, é perfeitamente possível que a Web seja um suporte para a comunicação comunitária. As vantagens são várias: o custo é relativamente baixo se comparado com ferramentas como rádio, os carros de som, ou jornais físicos, pois os serviços de conexão estão em processo de barateamento, bem como uma boa gama de dispositivos computacionais, como *smartphones* e notebooks, além da melhoria na qualidade dos serviços e o aumento da capacidade de tráfego. A assertividade é maior, pela capacidade de direcionamento das mensagens de um para um, de um para muitos ou de muitos para muitos. No último caso, quando as mensagens fluem entre muitas pessoas, há a possibilidade do



debate coletivo registrado, da troca de opiniões, do consenso, mesmo que em ambiente virtual. Também consideramos vantagem o fato de serem ferramentas que podem ser operadas por pessoas não especialistas. Assim, não há necessidade de conhecimentos técnicos, mas apenas o entendimento suficiente para um bom uso doméstico do seu aparelho pessoal.

Outro ponto muito importante é a própria essência do ambiente virtual e das redes digitais. Desde sua criação, a Web tem um forte aspecto colaborativo, no qual diversos atores constroem o conhecimento conjuntamente, organizando-se em grupos de interesses comuns, compartilhando, aprendendo e ensinando o que sabem. O termo “comunidade virtual” passou a ser amplamente utilizado nos últimos anos para descrever esse tipo de interação, apesar de haver divergências teóricas sobre essa utilização. Fato é que, fora do controle dos grandes veículos de comunicação, as pessoas estão se organizando nos ambientes virtuais, estão buscando a solução de seus problemas cotidianos e promovendo suas causas.

Quando surge a necessidade de informação específica, de uma opinião especializada ou da localização de um recurso, as comunidades virtuais funcionam como uma autêntica enciclopédia viva. Elas podem auxiliar os respectivos membros a lidarem com a sobrecarga de informação. As comunidades virtuais estariam funcionando, portanto, como verdadeiros filtros humanos inteligentes. (COSTA, 2005, p.43).

Por vezes, estão também conseguindo atingir grandes audiências ao relatarem questões locais ou opiniões próprias, substituindo (mesmo que inconscientemente) as pautas da grande mídia pelas suas próprias. Todas essas possibilidades que estamos vendo acontecer demonstram como o ambiente das redes digitais é propício para o desenvolvimento da comunicação alternativa e comunitária.

É preciso deixar claro, contudo, que os fatores positivos citados estão mais no campo das possibilidades do que da realidade, isso por dois principais motivos. Primeiro: o acesso ainda é restrito. Engana-se quem pensa que a internet já está disponível para todos. Aquelas classes tidas como periféricas, principalmente quando são comunidades que habitam em lugares remotos, como os ribeirinhos (Figura 1), os trabalhadores rurais, os que vivem em meio a matas ou afastado do ambiente urbano, ou mesmo aqueles que estão nas cidades, mas em situação de risco social, que são negligenciados pela sociedade, como os moradores de rua, o movimento dos sem teto, entre outros, têm pouco ou nenhum acesso aos meios de comunicação digital.



Figura 1: Telefone público improvisado por moradores de uma comunidade ribeirinha próxima a Manaus – AM, com aparelhos celulares ligados à uma antena. No local não há sinal de celular nem telefonia fixa.

Fonte: acervo pessoal.

Segundo: ainda não há uma consciência coletiva bem definida em relação ao uso dessas novas ferramentas. É preciso compreender o imenso poder trazido pela Web para que as atuações passem a ser voltadas para o desenvolvimento social, o combate as injustiças, a luta pela igualdade e evolução da democracia. Aqueles recém chegados nos ambientes virtuais fazem muito mais o uso da rede para o entretenimento, para se comunicar com sua rede de contatos e para continuar consumindo conteúdos midiáticos, ao invés de buscar informações relevantes para sua vida, que os ajudem a tomar melhores decisões para o bem de sua comunidade ou para solucionar problemas que o cercam.

Esta “consciência coletiva” não emerge instantaneamente, mas é fruto de uma evolução pela qual acreditamos estar passando. Vemos cada vez mais a discussão em ambiente virtual sobre a coisa pública, a propagação de conteúdos pertinentes e, eventualmente, a mobilização de grupos para manifestações em luta por alguma causa, levando milhares de pessoas as ruas em diversos países. Há também iniciativas individuais, de grupos ou de instituições que direcionam o poder das novas tecnologias para o desenvolvimento social, capacitando pessoas para se emancipem, organizem e contribuam ativamente para suas causas, sejam quais forem.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Apesar do grande avanço no sentido de conexão e visibilidade, a internet não pode ser encarada como a grande solução dos problemas que há décadas assolam a humanidade. Conforme pondera Wolton (2006), hoje as culturas e os povos podem se ver através dos



computadores, mas isso não significa que houve o aumento da compreensão mútua e da tolerância. Ou seja, o avanço das técnicas não garante o avanço da comunicação. A Web é sim um meio de comunicação poderosíssimo, que nos permite façanhas inéditas, e que é capaz de mudar os rumos da sociedade, dependendo do acontecimento, mas há que se evoluir o espírito e o modo de pensar primordialmente, para que possamos utilizar as novas ferramentas a favor de nossa sociedade.

Estamos em plena era Global. Período no qual estamos diariamente expostos às culturas, às facilidades do computador, da internet e do satélite bem como das discussões ambientais. As novas tecnologias estão presentes em toda parte, a qualquer momento, servindo para “melhoria” da qualidade de vida do ser humano, transformando nossos modos de ser e de viver. Tecnologias capazes de curar e erradicar enfermidades graves, de descobrir as semelhanças entre os primatas e o homem, de alterar as informações genéticas dos organismos vivos, criar animais e plantas iguais aos seus progenitores, de transformar a biodiversidade. (MARCIEL, RITTER, 2005).

Da mesma forma, enxergamos que o conjunto das tecnologias mediadoras da comunicação e a internet pode ser uma ótima alternativa para desenvolver a comunicação em seu nível comunitário, sobretudo quando não há amparo público e outros recursos necessários. Por sua estrutura ser horizontal, interligada e com baixo nível hierárquico, a internet dá aos cidadãos a voz que nunca antes tiveram. Ela diminui (ou mesmo elimina) algumas barreiras de entrada para discussões políticas, aquisição de conhecimento e acesso à cultura. Com isso, exige responsabilidade social de cada internauta, já que suas mensagens sempre carregarão um potencial de popularização, ainda mais quando estas são produzidas com base em informações estruturadas e de alta confiança.

Algumas iniciativas que utilizam e promovem as novas tecnologias para a resolução de problemas sociais, com redes interconectadas e colaborativas, já podem ser apontadas, como a organização não governamental Social Good Brasil, que realiza seminários e outras atividades a fim de discutir e angariar ideias inovadoras de impacto social. Ou tantas outras ONGs que estão encontrando espaço na Web para arrecadar fundos, promover e difundir causas.

Há um longo caminho a ser percorrido em relação à infraestrutura de acesso, que apesar de ser maior e melhor a cada dia no Brasil, ainda é pouco para atender a todos. Os comunicadores que dirigem seus esforços para os meios alternativos precisam estar atentos aos novos paradigmas e oportunidades trazidas pela evolução técnica, bem como, continuar



capacitando e trabalhando com aqueles menos favorecidos, sempre no sentido de emancipar o indivíduo.

Se faz interessante direcionar os esforços para a investigação deste recente cenário complexo. A comunicação contemporânea está se transformando. Neste caminho, poderá chegar o dia em que, aqueles que o quiserem terão acesso ao conhecimento e voz para se expressar livremente. Espaço desenvolver seus trabalhos, sua comunidade, seu movimento, resgatar e valorizar sua cultura e não mais depender dos meios de comunicação em massa. A comunicação terá atingido um novo estágio.

Referências

COSTA, R. da. Por um novo conceito de comunidade: redes sociais, comunidades pessoais, inteligência coletiva. In: ANTOUN, H. (Org) **Web 2.0: participação e vigilância na era da comunicação distribuída**. Rio de Janeiro: Mauad X, 2005. p. 28-48.

FERNANDES, B; R. SMITH; V. P. B. ULSEN, P. Comunicação integrada na era digital: convergência, atuação profissional e novos desafios. In: I FÓRUM BRASILEIRO DAS TENDÊNCIAS DA PESQUISA EM COMUNICAÇÃO - PENS@COM BRASIL 2014. São Bernardo do Campo: UMESP, 2014.

GONZÁLEZ, J. A. **Entre culturas e cibercultur@s: incursões e outras rotas não lineares**. Metodista. São Bernardo do Campo: Universidade Metodista de São Paulo, 2012. 266p.

MACIEL, T. B. & RITTER, P. Desenvolvimento sustentável, diversidade e novas tecnologias: a relação com a ecologia social. **PSICO**, Porto Alegre, PUCRS, v. 36, n. 1, pp. 81-87, jan./abr. 2005.

PERUZZO, Cicilia M.K. **Comunicação nos movimentos populares: a participação na construção da cidadania**. 3 ed. São Paulo: Vozes, 2004. 342 p.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina. 2009.

WOLTON, Dominique. **É Preciso Salvar a Comunicação**. São Paulo: Paulus, 2006.

WOLTON, Dominique. **Informar Não É Comunicar**. Porto Alegre: Sulina, 2011.